

«Apolíneos e dionisíacos» — o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro»**

INTRODUÇÃO

A classe dominante brasileira via-se, no início do século xx, diante do dilema de um enorme contingente populacional negro politicamente emancipado, porém socialmente subalterno. Nas duas primeiras décadas do referido período testemunharam-se momentos de ruptura institucional e social no Brasil, marcados por expoentes de uma ética voltada à aspiração do retorno à cor «branca», o que deveria ser atingido pelo encorajamento à imigração europeia e pelo abandono do contingente «escuro» da população. Para alguns pensadores, o Brasil devia «purificar-se» de sua herança cultural afro-ameríndia, a qual deveria sucumbir, juntamente com seus representantes, perante o vigor da civilização europeia. Tudo isso reflectia uma busca pelo que se pretendia ser «o povo brasileiro».

Nos anos 30 do século xx, um dos principais objectivos de Getúlio Vargas¹ era superar essas clivagens causadas pela baixa fidelidade de grande parte

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (mestrando).

** Este texto baseou-se na comunicação «Apolo *versus* Dionísio no campo da história: o futebol em Gilberto Freyre», apresentada no IV Seminário de História, «A razão histórica», da Universidade Católica de Pernambuco, em Novembro de 2003.

¹ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS) a 19 de Abril de 1882. Foi chefe do governo provisório depois da revolução de 1930, presidente eleito pela Constituinte em 17 de Julho de 1934 até a implantação da ditadura do Estado Novo em 10 de Novembro de 1937. Foi deposto em 29 de Outubro de 1945. Candidato a presidente pelo PTB em 1950, Getúlio Vargas derrotou os candidatos Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD), elegendo-se com 3 849 000 votos, voltando à Presidência da República. Confrontado com a iminência da renúncia ou deposição, suicida-se em 1954. Dados biográficos colhidos na página do CPDOC — Fundação Getúlio Vargas: <http://www.cpdoc.fgv.br>.

dos habitantes do Brasil para com um sentimento de pertença nacional, resultado das políticas de imigração estrangeira para o país incentivada pelos vários governos anteriores. A maioria dos grupos de imigrantes não foi assimilada dentro do novo país e continuou a manter fortes raízes regionais, alimentadas por alguma ligação com sua respectiva «terra natal». Além disso, o contingente negro da população brasileira era uma responsabilidade governamental dentro do projecto nacional brasileiro e sua integração no corpo nacional não era desejada pelas elites havia muito tempo.

Foi nesse contexto que Gilberto Freyre surgiu, oferecendo um caminho para «imaginar a nação» brasileira, um modelo de integração para imigrantes e afro-brasileiros, resolvendo, assim, o problema: criar, naquela gente, o sentimento de fazer parte da nação.

Para alguns, a ideia de nacionalismo deve ser primeiro «inventada», depois inculcada no senso comum das pessoas (Hobsbawm, 2004); e para que uma nação se imagine a si mesma (Anderson, 2005) as ideologias criadas pela elite devem ser disseminadas. A imagem, oferecida por Freyre, da superioridade do mulato sobre os «rígidos» europeus encontrou sua expressão na oposição Dionísio/Apolo, onde o mestiço representaria o ardil e lúdico estilo tropical de astúcia, capaz de superar o rígido e disciplinado modelo europeu. O futebol proporcionou um poderoso meio de fomentar, na população brasileira, o sentimento de «pertencer» e propagou as ideias de Gilberto Freyre a respeito de uma bem sucedida, vitoriosa e, por conseguinte, «superior» sociedade mulata. Esse pensamento foi imbutido de um conteúdo nacionalista e se tornou altamente funcional no processo de «imaginar a comunidade». É sobre essa questão que se irá reflectir.

AS TEORIAS RACISTAS NO BRASIL

Até a entrada do ano 1930 travou-se no Brasil uma discussão sobre quão longa seria a existência do contingente negro na sociedade brasileira. Os mais «optimistas» acreditavam que em cem anos; os mais «pessimistas» iam até três séculos. Muito mais importante que essa estranha polémica era o facto em si que se discutia sem nenhuma oposição cultural ou política: a ideologia do «branqueamento» como algo definitivo. Segundo os teóricos da época, o negro iria desaparecer da população brasileira através da miscigenação, que depuraria a raça e a levaria ao embranquecimento. Esse pensamento vinha, contudo, desde o fim do século XIX com a assimilação pela elite intelectual brasileira das teorias europeias de cunho racista.

Inspirada pela ciência social de sua época, a referida elite intelectual brasileira foi marcada pelo positivismo de Augusto Comte, pelo evolucionismo de Charles Darwin e Herbert Spencer e pelo racismo de Joseph Arthur

Gobineau e Georges V. de Lapouge. Houve, no entanto, certas particularidades regionais nos principais centros do país, apesar da pretensão totalizante. «É o caso das faculdades de Direito de São Paulo e Recife, que, preocupadas com a elaboração de um código nacional, utilizavam, porém, interpretações diversas: enquanto em São Paulo majoritariamente adotavam-se modelos liberais de análise, no Recife predominava o social-darwinismo de Haeckel e Spencer» (Schwarcz, 1993, p. 25).

Em grande medida, a ciência social estudada (particularmente o darwinismo social de Spencer e o racismo «científico» de Gobineau e Lapouge), que valorizava o europeu do Norte e desprezava os povos africanos e os asiáticos, não escondia sua natureza de apologia ao domínio de classe da burguesia e de legitimação da expansão imperialista sobre o planeta. «Assim, o que se pretende demonstrar é que esses intelectuais da ciência, a despeito de sua origem social, procuravam legitimar ou respaldar cientificamente suas posições nas instituições de saber de que participavam e por meio delas» (Schwarcz, 1993, p. 26).

Contudo, em relação às atitudes sociológicas predominantes durante os anos 1920 e 1930, as posições permaneceram semelhantes às de décadas anteriores. Supunha-se que o branqueamento físico do povo brasileiro era tão irreversível quanto desejável. Nina Rodrigues (médico maranhense² adepto da ciência da eugenia e do branqueamento da população brasileira), Sílvio Romero (integrante da «escola do Recife»)³ e Oliveira Viana (bastante lido na época e defensor da tese de que os negros eram incapazes de alcançar a civilização) pertenciam à categoria do pensamento social que surgiu no Brasil com o estabelecimento da República e que se apoiava nas teorias científicas do século XIX sobre evolução humana⁴, pregando a inferioridade genética da raça negra como factor explicativo para tal estado de acontecimentos no Brasil. Nina Rodrigues, um dos precursores dos estudos sobre o

² O estado do Maranhão fica localizado na Região Nordeste do Brasil. Raimundo Nina Rodrigues, todavia, formou-se em Medicina no Rio de Janeiro (Região Sudeste) e destacou-se profissionalmente na Bahia (último estado a sul da mesma Região Nordeste). Os estados do Rio de Janeiro e da Bahia destacavam-se como pólos de estudos médicos, enquanto os estados de São Paulo e Pernambuco destacavam-se no âmbito jurídico.

³ Foi na Faculdade de Direito do Recife (capital do estado de Pernambuco) onde nasceu e floresceu o movimento intelectual, poético, crítico, filosófico, sociológico, folclórico e jurídico conhecido como a *escola do Recife* nos anos de 1860 e 1880 e cujo líder era o sergipano (Sergipe é outro estado do Nordeste) Tobias Barreto de Menezes. Figuras importantes do movimento foram Sílvio Romero, Artur Orlando, Clovis Bevilacqua, Capistrano de Abreu e Graça Aranha, entre outros.

⁴ Para maior aprofundamento sobre o impacto no Brasil das teorias europeias sobre a evolução humana, v. Lilia Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*. Uma obra mais específica sobre as citadas teorias é de Stephen Jay Gould, *A Falsa Medida do Homem*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

negro no Brasil, tendo escrito seu livro em finais do século XIX e início do século XX (só publicado na íntegra em 1932) afirmava que

a Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestes serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo [Chiavenato, 1986, p. 171].

Essas bases «científicas» criaram um determinismo racial que fazia com que a hierarquia social fosse traduzida por hierarquia racial. Para que o ideal eugénico fosse efectivado seria necessário que fosse estimulada a procriação entre os considerados «tipos eugénicos superiores». Dessa forma, o ideal eugénico implicaria práticas sociais que viriam a se constituir em políticas públicas cujo objectivo seria «melhorar a raça» e, ao mesmo tempo, «impedir a degeneração» da mesma. O embranquecimento através do recurso à imigração e à miscigenação tornou-se visão hegemónica para a solução do assim chamado problema racial brasileiro.

A teoria do «embranquecimento», no entanto, inovava em termos de propostas racistas, já que não articulava a degenerescência da raça à miscigenação. Se para Gobineau, que esteve no Brasil, a população do país estava degenerada pela miscigenação e, portanto, fadada a desaparecer, para Oliveira Vianna (um dos principais teóricos racistas do país e defensor da imigração ariana) o cruzamento entre as raças representava justamente uma forma de elevar o teor «branco» do sangue brasileiro.

Como afirma Maria Eunice Maciel:

Numa sociedade fortemente hierarquizada como a brasileira, onde, dentro da perspectiva de hierarquia racial, o branco europeu era considerado como sendo «civilizado e superior», os indígenas e os negros como «selvagens, primitivos e inferiores» e os mestiços «degenerados», surgiram projectos de «salvação nacional» via o «melhoramento da raça», ou seja, a eugenia [Maciel, 1999].

Esta era a tendência geral na ideologia sócio-cultural brasileira. Tal pensamento não era de todo hegemónico. Havia defensores de uma ética mais nacionalista, antieuropeia (defensores esses que foram os precursores do movimento modernista de 1922) e outros mais conservadores diante da «modernidade» (caso do Manifesto Regionalista também da década de 1920)⁵. Esses movimentos reflectiram, em nível artístico e cultural, o nacionalismo

⁵ Deve-se ter em conta que o movimento modernista surgiu em São Paulo, uma cidade onde boa parte da cultura afro-brasileira estava diminuindo, resultado do grande número de

de políticos radicais durante os anos 1920, os quais se destacaram na revolução de 1930 e na subida ao poder do presidente Getúlio Vargas. Entre esses intelectuais, o nome de Gilberto Freyre surgia com uma nova ideia de nação e de explicação para o chamado «povo brasileiro».

GILBERTO FREYRE, A «RAÇA» E O FUTEBOL

Em sua obra mais conhecida, e não menos controversa, *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre entrou em choque com as teorias «científicas» da época, que estabeleciam classificações raciais de acordo com a craniometria⁶ (entre outros métodos) onde o «branco» aparecia no topo da escala e o «mestiço» no extremo oposto, logo abaixo dos negros. Diante das discussões existentes, a teoria de Freyre era, ao mesmo tempo, inovadora e perturbadora. A elite brasileira que aspirava ao branqueamento ignorava o substrato negro e mestiço, com a mente voltada para a Europa, enquanto o mulato e os pobres, em geral, viviam no exílio social dos subúrbios.

E o grande impacto dá-se porque, segundo a teoria de Freyre, o mulato, o mestiço, seria motivo de uma «superioridade racial» do brasileiro, pois congregava os pontos fortes de cada «raça», justamente o contrário do que afirmavam os intelectuais do período. A ideia de Freyre era contra aquela que via a necessidade de abafar a presença do afro-brasileiro dentro do Brasil. A partir de sua obra, a miscigenação ganha outra dimensão. Em vez de «degeneradora», colocava uma marca positiva naquele processo histórico, até então visto como um impedimento ao desenvolvimento de novas sociedades.

Freyre afirmava firmemente que existia uma maior informalidade entre as «raças» no Brasil, maior do que em qualquer outro lugar do continente americano, e que o negro era mais bem aceito dentro da comunidade. Longe

imigrantes europeus chegados à cidade. Em 1920, 35% da população de São Paulo era de estrangeiros. Fonte: Rollie E. Poppino. *Brazil: The Land and People*, New York, Oxford University Press, 1968. p. 197; in Brookshaw, David, *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 87.

O *Manifesto Regionalista*, por sua vez, foi resultado do Congresso Regionalista realizado no Recife, onde ensaístas, romancistas, músicos, pintores e mais sociólogos, historiadores, escultores, engenheiros, economistas, biógrafos, etc., descobrem e articulam, a partir de influências portuguesas, africanas, holandesas e indígenas, um legado de mitos, paisagens e memórias que lhes seria específico e próprio. Por meio do resgate selectivo do que individualizaria o referido espaço, essa variada produção cultural inventa os códigos de compreensão simbólica de uma comunidade e simultaneamente a eles se conforma, adquirindo um inequívoco carácter regional e fazendo com que Pernambuco se percebesse e se apresentasse como «pernambucano». Freyre é um dos principais articuladores e propagadores do Manifesto Regionalista.

⁶ Craniometria (ou craniologia) é a medida das características do crânio, de modo a classificar as pessoas de acordo com raça, temperamento criminoso, inteligência, etc. No século XIX, os britânicos usaram a craniometria para justificarem as políticas racistas contra os irlandeses e os africanos, que consideravam raças inferiores (v. Stephen Jay Gould, *A Falsa Medida do Homem*).

de querermos confirmar a existência da dita «democracia racial» surgida a partir da obra de G. Freyre, o que se constata é, sim, a forte presença dessa ideologia durante muitas décadas fazendo parte de um senso comum na sociedade brasileira. A «democracia racial» é um mito⁷, mas também é algo que os brasileiros acreditavam (e acreditam) poder ser real⁸.

Para sociólogos como Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr., «essa visão ganhava força quando se constatava a relação entre as raças no Brasil e nos EUA, país onde se manifestava abertamente a segregação, o conflito e uma verdadeira clivagem nacional em torno das raças» (Helal *et al.*, 2001, p. 35). Para os darwinistas sociais da época no Brasil, a «raça» era considerada um factor primordial de desenvolvimento: os Estados Unidos eram industrialmente poderosos porque eram racialmente superiores, enquanto o Brasil, com sua vasta população negra e mestiça, estava destinado ao subdesenvolvimento.

Afirmações sobre as vantagens da miscigenação e da «interação racial» não mudavam, todavia, o facto de que grande parte dos que estudavam e escreviam sobre tais assuntos sofria influência das correntes ideológicas predominantes na época, teorias essas que tomavam por certa a superioridade da «raça branca». Deve-se perceber, assim, que o pensamento de Gilberto Freyre, ao enaltecer o elemento negro como parte fundamental na cultura e composição étnica do brasileiro, é arrojado, tendo em consideração o ambiente «científico» em que se encontrava.

No prefácio de *Sobrados e Mucambos* (publicado em 1949), Freyre afirmou «a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro entre os atletas, os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços» (Freyre, 1985). Essas possibilidades sociais oferecidas em favor dos mulatos demonstravam, para Gilberto Freyre, que o afro-brasileiro podia integrar-se no mundo do «homem branco da cidade». Sua narrativa torna essencial e legítima tal construção social através de uma história que se explicava pelos atributos raciais do negro e da miscigenação.

Com a nova visão positiva da multirracialidade, Freyre legitimava as novas práticas populares (desportos) que começavam a se espalhar em várias áreas do Brasil. De facto, ainda em 19 de Dezembro de 1929, sob

⁷ Um relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil divulgado pela ONU reunindo uma série de indicadores sociais e económicos do país concluiu que, em todos eles, os negros brasileiros estão em situação desfavorável. («ONU ataca ‘mito’ da democracia racial no Brasil», in *Folha de São Paulo*, 18-11-2005).

⁸ «Poucos lugares do mundo possuem o grau de abertura para o novo como o Brasil. A base dela é justamente a democracia racial que se construiu ao longo dos séculos» (sociólogo Jorge Caldeira, in *Uma Nação Global*, disponível na página do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em <http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/consnac/nacglob/apresent/apresent.htm>, visitada em 7-11-2005). Uma interessante visão sobre a ideia da «democracia racial» no Brasil actual é o texto «Brasil vive ilusão da democracia racial», escrito por Cristiane Capuchinho em 19-4-2005 e publicado no sítio da Universidade de São Paulo <http://noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php?id=3066>.

pseudónimo, Freyre escreveu o artigo «Fair play» sobre o referido tema no jornal *A Província*, publicado em Pernambuco, comentando a violência de jovens em partidas de futebol no Rio de Janeiro⁹. A utilização do pseudónimo Jorge Rialto talvez escondesse um receio em relação à escrita de um artigo sobre uma actividade pouco respeitada nos meios académicos.

O grande marco, no entanto, da consolidação das teorias raciais de Gilberto Freyre e seu reflexo nos campos de futebol é a Copa do Mundo de 1938, na França. Pela primeira vez a selecção brasileira enviava a um mundial uma equipa que, para Freyre, representava o verdadeiro povo brasileiro, pois tinha «brancos», «negros» e «mulatos». Como foi visto, a crença de que o mulato não era passível de salvação (enquanto factor étnico no Brasil) estava difundida entre os intelectuais da época.

E as vitórias frente às selecções da Polónia e Checoslováquia (após empate num jogo anterior contra esta última) serviram para corroborar a tese freyreana. Ao mesmo tempo que os «mulatos brasileiros» iam sendo bem sucedidos na disputa com os europeus, persistia na elite brasileira a não-aceitação da condição de mulato para seu povo, pois isso significaria a admissão de um *status* de segunda classe dentro da comunidade internacional. Assim é que, em 17 de Junho de 1938, Gilberto Freyre escreve para os *Diários Associados* por ocasião das «admiráveis performances brasileiras» nos campos de Estrasburgo e Bordéus:

[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil¹⁰.

Como dizem Eric Hobsbawm e Terence Ranger, os cientistas sociais contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens e tradições, já que a história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento

⁹ Jorge Rialto (Gilberto Freyre), «Fair play», in *A Província*, Recife, 19-12-1929, n.º 292, p. 3.

¹⁰ Gilberto Freyre, «Foot-ball mulato», in *Diário de Pernambuco*, 17-6-1938.

não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas aquilo que foi seleccionado, escrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo [Hobsbawm *et al.*, 1985, p. 21].

A «invenção das tradições» dá-se em momentos de ruptura e grandes mudanças sociais. Por isso, não se afirma aqui que o futebol, como símbolo da «democracia racial brasileira», também não tenha sido uma «tradição inventada». O que se pretende deixar claro, contudo, é que depois de «inventado» e o mais importante, depois de assimilado e aceite pela sociedade, é inegável o papel do futebol na construção de uma subjectividade colectiva em relação à nação brasileira:

Aquilo que tem tornado o desporto um meio tão unicamente eficaz de inculcação de sentimentos nacionais, pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento de sua vida, ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com um equipa de onze pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação [Hobsbawm, 2004, p. 137].

GILBERTO FREYRE, FUTEBOL E NACIONALISMO NO BRASIL

O contexto político/histórico atribulado e o próprio uso do Mundial de 1938 pelo governo de Getúlio Vargas (aproveitando a positiva campanha da equipa) para criar uma certa identificação nacional com a selecção de futebol (pondo altifalantes nas ruas das cidades para as pessoas ouvirem os jogos) contribuíram para que a imagem positiva do que era o «brasileiro», criada por Gilberto Freyre, se enraizasse na sociedade. É de salientar que é importante distinguir os vários discursos da elite que «inventa» tradições e o resto da população, uma vez que nem tudo que é inventado por essas elites surte o efeito desejado nas pessoas. Daí a importância da disseminação das ideias via meios de comunicação de massa, bem como a produção de símbolos nacionais. Os seres humanos de uma comunidade sentem que estão relacionados entre si porque partilham um totem¹¹. E a partir de 1938 o «totem» dos brasileiros passa ser a selecção de futebol:

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência — menos na defesa que no ataque — ficou demonstrada brilhante-

¹¹ Marvin Harris lembra que «há muitas variações nas formas específicas da crença totémica» e não cabe afirmar que exista um único complexo totémico. As cerimónias totémicas reafirmam

mente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisiaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha¹².

Gilberto Freyre diferenciava dois estilos antagônicos de se jogar futebol e, conseqüentemente, estilos de culturas também opostos: um «apolíneo» (formal, contido, racional), representado pelo europeu, e outro «dionisiaco» (impulsivo, individualista, emocional), retratado na «índole» do mulato. Gilberto Freyre, assim como o filósofo alemão Nietzsche fez acerca da cultura grega (Nietzsche, 1999), usou os opostos apolíneo e dionisiaco para definir distintos modos de jogar futebol. Tal oposição é mencionada não só no referido texto, mas em vários outros, como será visto adiante.

Curioso é que na mitologia grega Apolo é um deus jovem «porque o Sol nunca envelhece», imberbe. É o deus da luz, deus construtor e colonizador. Representava-se Apolo reinando sobre a ilha dos Bem-aventurados, paraíso do orfismo¹³. Dinonísio, contudo, teve uma história menos perfeita, assim podemos dizer. Foi entregue às ninfas de Nisa (curiosamente alguns localizam Nisa na Etiópia, África) e transformado em bode para que Hera não o reconhecesse. É caracterizado na mitologia por vários defeitos: foi louco e responsabilizado, através do oráculo, pelo fracasso da Trácia devido aos seus impulsos. Foi também o introdutor das *bacanais*. Suas procissões eram sempre cheias de conflitos e tumultos e seu culto era orgiástico, sempre com a presença de instrumentos musicais (Guimarães, 1982, pp. 52-57 e 125-126).

Freyre insistia em afirmar que entendia «arianismo» e «mulatismo» não como expressões étnicas. Não obstante, ao falar do desempenho brasileiro no futebol, acreditava que a forma de jogar no Brasil tinha «influência,

e intensificam o sentido de identidade comum dos membros de uma comunidade regional» (Marvin Harris, *Introducción a la Antropología General*, Madrid, Alianza Editorial, 2001, p. 613).

¹² Gilberto Freyre, «Sociologia», 1945, trecho extraído da edição *Gilberto Freyre* (por Edilberto Coutinho), Rio de Janeiro, Agir, 1994, p. 53-60.

¹³ Segundo o dicionário *Caldas Aulete*, é o culto que prega preceitos mais puros de moral e esperança na imortalidade feliz.

certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos em sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo a dança — trabalho ou jogo [...]»¹⁴.

Não seria de todo absurdo perceber em sua análise uma espécie de racismo (ainda que sob outra perspectiva), um «racismo assimilacionista»¹⁵, pois o negro seria «naturalmente» bom, inato para a dança, música, luta e, claro, para o futebol. Essa ideia não ficou restrita aos textos freyreanos da primeira metade do século xx. Tanto que, muitos anos depois do Mundial de 1938, num texto escrito para o catálogo do Museu do Homem do Nordeste, no Recife, Gilberto Freyre disse:

É possível sugerir que, no Nordeste brasileiro, esses contrários em contato como que simbióticos teriam desenvolvido, nas suas culturas, purgações de irracionalismos, através de ritos dionisíacos — um deles o Carnaval, com aspectos míticos e mestiços, tão nordestinos — sem perda de irracionalidades criativas [...]»¹⁶.

O poder de raciocínio, de ponderação, de cálculo e frieza, obviamente, não cabia em seu «elogio» ao elemento africano. Era «caracteristicamente» europeu.

Freyre dedicava-se, sempre que possível, a promover suas teses a respeito da maneira «dionisíaca» de representações culturais do povo brasileiro e as razões para sua peculiaridade e sucesso na prática do futebol:

Depois que publiquei minhas primeiras notas sobre esses dois assuntos — as maneiras regionais de dançar e de jogar foot-ball, o foot-ball ainda como uma dança com alguma coisa de africano — li excelente página de Waldo Frank onde ele acha que o tango é «uma dança-música escultural»; e ao mesmo tempo diz que, observando um grupo de brasileiros a jogar foot-ball, notou que jogavam procurando levar a bola para o goal como se executassem «a linha melódica de um samba». Reproduz quase a mesma observação por mim feita em artigo escrito em 1938, que

¹⁴ Gilberto Freyre, «Unidade e diversidade, nação e região», retirada de Gilberto Freyre, *Interpretação do Brasil. Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*, São Paulo, 2001, pp. 182-184. O livro foi publicado originalmente em 1947 e contém uma série de palestras proferidas em 1944 nos Estados Unidos, inclusive a referida acima.

¹⁵ Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 226. Para o autor, «o aspecto mais perverso do racismo assimilacionista é que ele dá de si uma imagem de maior sociabilidade, quando, de facto, desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta e dissimula as condições de terrível violência a que é submetido. É de assinalar, porém, que a ideologia assimilacionista da chamada democracia racial afecta principalmente os intelectuais negros».

¹⁶ Gilberto Freyre, *O Que É Museu do Homem? Um Exemplo: Museu do Homem do Nordeste Brasileiro*, texto escrito nos anos 1980, acervo da Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE.

estou certo nunca foi lido por Waldo Frank, assim como outro que publiquei em 1940 sobre as diversas maneiras de dançarem os brasileiros das várias áreas — da Bahia à área misionera do Rio Grande — as danças de carnaval [...] [Freyre, 2001, pp. 182-184].

O impacto e as influências da teoria freyreana foram, de facto, sentidos no meio intelectual brasileiro. O mesticismo defendido por Gilberto Freyre pressupunha que o intelecto europeu e o primitivismo afro-brasileiro podiam coexistir em uma só personalidade para formar o «verdadeiro brasileiro», simbolizado pelo mulato. Assim, em 1947 é lançado *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, e ninguém menos que Gilberto Freyre tem a incumbência de escrever o prefácio do livro. Segundo Freyre:

Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas¹⁷; e por um Domingos¹⁸, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança¹⁹.

A obra de Mário Filho traduz-se no pensamento de que o futebol, quando era praticado exclusivamente por brancos, era algo de fora, alienígena à

¹⁷ Leônidas da Silva, mais conhecido como «O Diamante Negro», nasceu a 6-9-1913 no Rio de Janeiro (RJ). Foi um dos mais empolgantes jogadores de todos os tempos. Atacante veloz, habilidoso e oportunista, marcou época nas décadas de 1930 e 1940. Jogou na selecção brasileira e em clubes como São Cristóvão, Sírio Libanês, Bonsucesso, Peñarol (Uruguai), Vasco da Gama, Botafogo, Flamengo e São Paulo. Conquistou os títulos do campeonato carioca (1934) pelo Vasco da Gama, do campeonato carioca (1935) pelo Botafogo, do campeonato carioca (1939) e do Torneio Rio-São Paulo (1940) pelo Flamengo, do campeonato paulista (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949) pelo São Paulo, da Copa Rio Branco (1932), o 3.º lugar na Copa do Mundo (1938) e a Copa Roca (1945) pela selecção brasileira. É conhecido no Brasil como o inventor do «pontapé de bicicleta».

¹⁸ Domingos Antônio da Guia nasceu no dia 19 de Novembro de 1912, no Rio de Janeiro, e morreu no dia 18 de Maio de 2000. Jogava de cabeça erguida, tinha uma perfeita noção de colocação e se destacava pela antecipação nas jogadas. Por seu futebol quase perfeito, tinha a alcunha de «Divino». Vestiu a camisa da selecção brasileira em trinta partidas. Disputou vários campeonatos sul-americanos, mas nunca foi campeão. Participou da Copa do Mundo de 1938 junto com Leônidas. Começou jogando no Bangú (Rio de Janeiro) em 1929. Depois foi transferido para o Nacional de Montevideo, onde conquistou o título de campeão uruguaio de 1933. Voltou ao Brasil para jogar no Vasco (RJ) e foi campeão carioca em 1934. Jogou no Boca Juniors (Buenos Aires) e foi campeão argentino de 1935. Defendeu o Flamengo (RJ), onde foi campeão estadual nos anos de 1939, 1942 e 1943. Já veterano, defendeu o Corinthians (São Paulo) e encerrou sua carreira onde começou, no Bangú.

¹⁹ Gilberto Freyre, prefácio escrito no Recife em 1947 para a 1.ª ed. de *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho.

sociedade brasileira; quando passou a ser exercido por negros e mulatos tornou-se nacional, brasileiro. Mário Filho (e outros intelectuais) absorvera não só o pensamento de Freyre, mas também de seu tempo (1930-1940) bastante marcado pela mentalidade nacionalista e pelo desejo de uma interação racial, uma esperança de que o amálgama das raças no Brasil ajudaria a criar um sentimento emancipatório e de pertença no brasileiro em relação a ideia de nação que se buscava incutir. *O Negro no Futebol Brasileiro* procura mostrar, baseado no pensamento de G. Freyre, que o futebol teve uma participação decisiva na «democratização» racial e, assim, na construção de uma nação integral.

Entre os estudiosos do nacionalismo que consideram que a identidade é o resultado de uma construção, o historiador Eric Hobsbawm sublinha o elemento de invenção e engenharia social que entra na construção das nações, assim como o uso de materiais antigos para construir tradições inventadas. Hobsbawm afirma que a palavra «nação» designa na verdade uma multiplicidade de realidades e que o termo *nacionalismo* «acaba por ter muito pouco significado» (Hobsbawm, 2004, p. 13). Assim, é necessário partir de uma definição de «nação» entendendo-a como uma entidade producto de determinado contexto histórico,

uma entidade social somente enquanto se relaciona com um certo tipo de estado territorial moderno, o «estado-nação», e será uma futilidade discutir nação e nacionalidade fora do contexto em que ambas estão relacionadas com ele [...] Em suma, para efeitos de análise, o nacionalismo aparece antes das nações. Não são as nações que criam Estados e nacionalismos, mas sim o contrário [Hobsbawm, 2004, pp. 13-14].

Benedict Anderson vai mais longe que Hobsbawm e afirma que a nação é uma «comunidade política imaginada» (Anderson, 2005) que constitui em essência uma consciência compartilhada de certo conjunto de elementos identitários. Todas as nações, ainda as mais homogêneas, são construções sociais, as ditas «comunidades imaginadas». A mitificação da correspondência entre «nação» e «Estado» é não só universal, mas se encontra profundamente arraigada na terminologia contemporânea. A nação se identificou com o Estado porque a partir de meados do século XIX a ideologia romântica do nacionalismo se tornou hegemônica em grande parte do mundo. A partir de então, pressupor que todos os Estados são «nações» se transformou em uma ficção funcional para a legitimação dos Estados, sua ordem interna, e também a ordem inter-«nacional» (que, na verdade, é mais uma ordem interestatal). A «comunidade imaginada» pela intelectualidade brasileira e a utilização do futebol para tal tentavam, assim, completar o vazio deixado pela desintegração das redes sociais de tempos anteriores.

CONCLUSÃO

À primeira vista, pode-se crer que o discurso de Freyre sobre o negro e o mulato fosse de enaltecimento ou que Freyre buscasse, de alguma forma, o brasileiro perfeito, um «mulato eugênico»²⁰. O propósito e o producto da mistura de raças deveria ser, por conseguinte, «escurecer» os brancos tanto cultural quanto espiritualmente. O futebol então seria a representação explícita do desempenho perfeito de uma «raça» ideal. Existe, no entanto, o chamado «discurso do silêncio» na obra de Gilberto Freyre, isto é, aquele discurso onde «é preciso não dizer para poder dizer» (Orlandi, 1990, p. 52). Por exemplo: quando se diz que os jogadores de futebol do Brasil (leia-se o povo brasileiro) têm um estilo de jogar «inconfundivelmente, distintamente nosso» e que o estilo europeu é «calculado, ordenado, matemático, apolineamente britânico»²¹, não se pensa no brasileiro como um povo disciplinado, de ordem. Ou ainda, quando se diz que «eles [africanos ou afro-descendentes] são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo» (Freyre, 2001, pp. 182-184), não se pode considerá-los «sérios», «racionalistas».

Ao adjectivar os povos, Gilberto Freyre exclui a possibilidade de que o povo X tenha características do povo Y, ou seja, ele não afirma explicitamente que o brasileiro é indisciplinado, desordenado, mas diz isso quando referencia, de forma oposta, os europeus. O europeu teria um jogo racional porque seria «organizado» e o brasileiro teria um jogo peculiar, «distinto», que se confundiria com a desorganização do país e com a cultura afro-brasileira. Em suma, o silêncio dado aos adjectivos relacionados a «racionalidade», «cálculo» e «ordem», no futebol brasileiro, reflectem a mesma opinião em relação à organização e à estruturação de sua sociedade.

O processo do discurso de Freyre vai provendo o brasileiro de uma definição que, por sua vez, é parte do funcionamento imaginário da sociedade brasileira. Quando falava que «o que precisamos é de conciliar esse individualismo [brasileiro] com a disciplina [européia]»²², ou que são «os mestiços de cor mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais»²³, o

²⁰ Gilberto Freyre, *Inglêses no Brasil*, nota do autor à 2.^a ed. A 2.^a ed. é de 1977 e a nota está assinalada e data de 1976. Vale aqui reproduzir o trecho sobre a mudança dos praticantes do futebol no Brasil: «[...] a princípio, brasileiros anglicizados e eles próprios nativos com alguma coisa de britânicos no porte e na aparência [...]; depois, crescentemente, de morenos de vários graus, até a desanglicização culminar no admirável Pelé, depois de ter reluzido em Leônidas.» É curioso que o processo descrito é o inverso do que propunha a teoria eugénica do «branqueamento».

²¹ Gilberto Freyre, «Futebol desbrasileirado?», extraído do *Diário de Pernambuco*, 30-6-1974, p. 6.

²² Gilberto Freyre, «Ainda a propósito de futebol brasileiro», extraído de *O Cruzeiro*, 25-6-1955, p. 3.

²³ Gilberto Freyre, prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro*, Recife, 1947.

efeito ideológico de que os brasileiros de seu tempo são «indisciplinados» não nasce do acaso. Sua materialidade específica é o discurso.

Há, ainda hoje, os formadores de opinião que «acreditam, implicitamente, num Brasil mais branco, mesmo que tenha deixado de ser respeitável falar nisso, vivendo com um certo legado intelectual do compromisso que seus pais e avós fizeram um dia com a teoria racista» (Skidmore, 1976, p. 239). A questão racial ainda está muito presente na sociedade brasileira e merece especial atenção não só dos antropólogos, mas sobretudo dos historiadores, em todos os seus segmentos (Schwarcz, 2002). Isso porque se criou a impressão errônea de que a questão dos negros no Brasil é radicalmente diferente e indubitavelmente menos complexa do que nos Estados Unidos. Nas palavras de José Correia Leite, «nós vamos sendo tragados pela mentira sentimental de que no Brasil não há preconceito, mas continua sendo uma vasta senzala, com alguns negros na casa-grande» (Brookshaw, 1983, p. 149).

Neste contexto teórico vê-se o futebol como um sentimento nacionalista que devia ser primeiro criado, depois transmitido ao senso comum. Nesta perspectiva, esse conteúdo pode fazer parte do desporto e se tornar altamente funcional no processo de «imaginar a comunidade». Por ser o futebol um marco identitário brasileiro, producto de um projecto político-cultural liderado pelo Estado e pelas classes políticas nacionais para o conjunto da sociedade, merece, assim, ser considerado em sua condição histórica e cultural e em seu papel no processo de criação de uma identidade brasileira.

Afirma-se isso porque no Brasil o futebol é, efetivamente, um evento aglutinador de emoções, parte da construção do espírito nacional. É sempre durante os maiores eventos do futebol (copas do mundo, etc.) que as avaliações são mais plausíveis, quer para os actos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos e falhas no desempenho esperado. Por ser uma questão nacional, quando a selecção brasileira de futebol sofre um insucesso em competições importantes, tende-se a procurar culpados e muitas vezes o «estilo» apresentado e derrotado é questionado. Não raras vezes criticado por não ser «o verdadeiro estilo brasileiro»²⁴. Grupos sociais, num contexto desse tipo, utilizam-se das imagens disponíveis na cultura e as reempregam (com originalidade ou não) para caracterizar as magnanimidades e os malogros. Logo, tudo que se discute e comenta a respeito do futebol no Brasil

²⁴ Após a eliminação da selecção brasileira pela Argentina no Mundial de 1990, a chamada «era Dunga» (Dunga, jogador da selecção brasileira em 1990, foi a imagem do «estilo europeu»; quatro anos depois sagrou-se campeão do mundo como capitão da equipa) foi duramente criticada. «Não deu certo a tentativa de esquematizar o futebol brasileiro, abrindo mão do talento natural e do improvisado, em benefício de um padrão mais rígido, de marcação, ao estilo europeu. O Brasil acabou na desclassificação [...] A era Dunga não chegou [...] O proveito da derrota passa pela necessidade do reexame desses conceitos de futebol-força» (jornal *O Dia*, 25-6-1990, p. 3).

é carregado de significado avaliativo, condutor de vestígios de discriminação, julgamento, distinção, preconceito ou tabu.

A forma de comportamento identificatório do povo brasileiro diante dos ídolos do futebol seria, na perspectiva freyreana, como o gato que, roçando-se na perna do dono, parece agradá-lo, quando, de facto, acaricia com prazer a própria pele. Para a massa de afro-brasileiros, aquelas teorias e os sucessos seguidos de seus patrícios na selecção brasileira de futebol

lhes pertencia; compreendiam-nos, seu chute era o deles. Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor da raça negra, cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como o seu representante [Rosenfeld, 1993, p. 99].

A afirmação vale para o presente, fazendo com que o brasileiro sinta, em épocas de torneios internacionais de futebol, o seu nacionalismo bissexto (a Copa do Mundo é realizada de quatro em quatro anos), tendo a sensação de que o sucesso dos conterrâneos frente a grandes potências económicas e militares tenha seu significado simbólico de que o resto do mundo os respeita no que foi considerado o «fenómeno social mais importante do século xx» (Wahl, 1997).

Levantou-se aqui a questão de quão autêntico pode ser um escritor quando escreve «a favor» do afro-brasileiro e torna-se mister uma maior reflexão sobre o discurso de Gilberto Freyre acerca do futebol brasileiro e sua análise racial a esse respeito, pois há ideias que constantemente são repetidas, como, por exemplo, «o estilo do jogador brasileiro de malandragem, de ginga», ou ainda «o futebol bailarino, de dança afro-brasileira, com driblagem». Enunciados que criam no imaginário coletivo²⁵ uma ideia tão sedimentada que parece sempre haver existido, impossibilitando qualquer contestação. Ao se falar em «história do negro no futebol», essa história é contada pelo «outro» (no caso, Gilberto Freyre) e isso significa que «o discurso ou determina o lugar de onde devem falar os negros ou não lhes dá voz» (Orlandi, 1999, p. 50). O negro não fala, é falado. Analisando com mais atenção, perceber-se-á a invenção de uma «ideia de brasileiro» através do discurso de Gilberto Freyre sobre o futebol. Sua concepção do que é ser «brasileiro» cria um *slogan* que funcionará ao longo de todo o século xx. Até hoje!

Deve-se ressaltar a importância de analisar o futebol como uma maneira de entender a sociedade brasileira, como um modo mais «suave» de fabricar o nacionalismo (em comparação com outras vias possíveis, tais como o militarismo). No período entre guerras, contudo, o desporto internacional tornou-se uma expressão da luta nacional, e os desportistas representavam suas nações ou Estados, expressões primárias de suas comunidades imaginadas (Hobsbawm, 2004, p. 137). De um modo geral, o desporto não tem

²⁵ Fred Figueiroa, «A invenção do futebol-arte», in *Diário de Pernambuco*, 7-9-2003, p. 3.

sido estudado com frequência pelos cientistas sociais, mas não só no Brasil. Ainda assim, isso não impediu que importantes autores (Johan Huizinga, Pierre Bourdieu e Norbert Elias, por exemplo²⁶) se dedicassem e produzissem algumas obras seminais sobre o tema, sabendo que não há facto ou acontecimento histórico que não faça sentido, que não espere interpretação.

O futebol agradece!

BIBLIOGRAFIA

- BROOKSHAW, DAVID (1983), *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, Porto Alegre, Mercado Aberto.
- CHIAVENATO, JULIO JOSÉ (1986), *O Negro no Brasil: da Senzala à Guerra do Paraguai*, São Paulo, Brasiliense, 3.^a ed.
- COUTINHO, EDILBERTO (1994), *Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro, Editora Agir.
- ELIAS, NORBERT, e DUNNING, ERIC (1992), *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*, Madrid, Fondo de la Cultura Económica.
- FILHO, MÁRIO (1964), *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, S. A., 2.^a ed.
- FREYRE, GILBERTO (1985), *Sobrados e Mucambos*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 7.^a ed.
- FREYRE, GILBERTO (2001), *Ingleses no Brasil*, Rio de Janeiro, Topbooks, 3.^a ed.
- FREYRE, GILBERTO (2001), *Interpretação do Brasil. Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*, São Paulo, Companhia das Letras.
- GUIMARÃES, RUTH (1982), *Dicionário da Mitologia Grega*, São Paulo, Editora Cultrix.
- GOULD, STEPHEN JAY (1999), *A Falsa Medida do Homem*, São Paulo, Martins Fontes, 2.^a ed.
- HARRIS, MARVIN (2001), *Introducción a la Antropología General*, Madrid, Alianza Editorial.
- HELAL, RONALDO, LOVISOLO, HUGO, e SOARES, ANTONIO JORGE (2001), *A Invenção do País do Futebol — Mídia, Raça e Idolatria*, Rio de Janeiro, Mauad.
- HOBBSAWM, ERIC (2004), *A Questão do Nacionalismo: Nações e Nacionalismo desde 1780*, Lisboa, Terramar, 2.^a ed.
- HOBBSAWM, E., e RANGER, T. (1985), *A Invenção das Tradições*, São Paulo, Paz e Terra.
- HUIZINGA, JOHAN (2000), *Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 4.^a ed.
- MACIEL, MARIA EUNICE (1999), «A eugenia no Brasil», in *Revista Anos 90*, n.º 11, Porto Alegre.
- NIETZSCHE, FRIEDRICH (1999), *O Nascimento da Tragédia*, São Paulo, Companhia das Letras.
- ORLANDI, ENI PULCINELLI (1990), *Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*, São Paulo, Cortez Editora.
- ROSENFELD, ANATOL (1993), *Negro, Macumba e Futebol*, São Paulo, Perspectiva.
- SCHWARCZ, LILIA (2002), *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Companhia das Letras.
- SKIDMORE, THOMAS E. (1976), *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- WAHL, ALFRED (1997), *Historia del Fútbol: del Juego al Deporte*, Barcelona, Biblioteca de Bolsillo Claves.

²⁶ V. Johan Huizinga, *Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura*, Pierre Bourdieu, *Programa para Uma Sociologia do Esporte*, e Norbert Elias e Eric Dunning, *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*.